



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO
DAS INFRAESTRUTURAS

Discurso do Secretário de Estado das Infraestruturas no encerramento do 9º encontro de engenharia civil Norte de Portugal – Galiza

Senhor Bastonário da Ordem dos Engenheiros

Senhor Presidente do Colégio de Engenheiros de Caminhos, Canais e Portos da Galiza

Minhas Senhoras e meus Senhores

Para mim é sempre um grande prazer poder participar nestes encontros ligados à minha própria formação académica: a engenharia civil. Ainda mais quando contam com um programa que toca as várias áreas que estão sob a tutela do ministério de que faço parte.

Se a isto somarmos a traça regional do evento, numa região que é a minha, e o registo internacional do mesmo, que convoca a necessária e inteligente cooperação entre dois países vizinhos, que felizmente estão condenados a cooperar, podem bem crer que o grande prazer de partilhar convosco este final de encontro é real e dificilmente superável.

Como Secretário de Estado das Infraestruturas, a ferrovia, a rodovia, a mobilidade e a construção são as mais relevantes áreas com que tenho de lidar todos os dias. É sobre elas que recai a minha responsabilidade enquanto governante e é fundamental para o decisor político poder contar com a reflexão daqueles que no terreno lidam todos os dias com os problemas destas áreas.

Procurar ter infraestruturas de qualidade é sempre um dos grandes desafios de qualquer país, crucial para o seu desenvolvimento e crescimento. Portugal não é exceção, mas depois de um longo período em que se diabolizou o investimento público, em que se

deixaram na gaveta importantes projectos por falta de financiamento (ou vontade política até), o desafio é ainda maior.

Sabemos bem da degradação que se foi instalando em alguns sectores, especialmente na ferrovia. Sabemos bem da necessidade de nos adaptarmos e de adaptarmos as nossas infraestruturas à nova era do digital, tornando-as inteligentes, colaborativas e conectadas. Sabemos bem da urgência na procura de soluções que resolvam os problemas de mobilidade das pessoas de forma abrangente e integrada. Sabemos bem da melhoria de qualidade que temos de continuar a perseguir no setor da construção mais convencional.

Mas se os desafios são grandes é também verdade que não partimos do zero e que temos motivos de orgulho na qualidade de várias das nossas infraestruturas.

Temos, por exemplo, uma das melhores redes rodoviárias da Europa. Todos sabemos que Portugal está muito bem servido de acessibilidades rodoviárias. E se alguém duvidar, por achar que o nosso orgulho pode toldar a isenção da análise, podemos sempre socorrer-nos da análise de outros, insuspeitos, como o Fórum Económico Mundial. Numa avaliação da qualidade da rede rodoviária dos países europeus, Portugal aparece num honroso 5º lugar, apenas ultrapassado por Suíça, Holanda França e Áustria.

Naturalmente que isto não acontece por acaso, é fruto dos relevantes investimentos que foram sendo feitos umas décadas atrás, e que não tiveram comparação, bem pelo contrário, com o investimento em outras áreas estruturantes como a ferrovia.

Durante décadas assumimos que a aposta deveria ser na mobilidade rodoviária. Que o comboio era um transporte do passado. Isso levou ao encerramento de linhas, à supressão de serviços, à degradação da própria empresa de caminhos de ferro: a CP.

Não sei se foi uma decisão consciente de quem a foi tomando ao longo de décadas e em vários governos: se o que se queria era deixar claro que empresas públicas como a CP, a EP a Refer, hoje em dia CP e IP, não precisavam de investimento publico e que estariam bem era a ser geridas pelo privado; ou se pura e simplesmente não houve a visão de perceber que a ferrovia não só não era o transporte do passado, como teria de ser um motor fundamental da mobilidade do futuro.

Na verdade, não sei, mas provavelmente foi um pouco de tudo isto.

Mas uma coisa sei. Sei que com este Governo e com o anterior, com este primeiro-ministro, foi definida uma matriz e esse caminho ficou clarificado. Quem tem seguido o debate político percebe que existe hoje a opção clara de considerar fundamental a necessidade de haver mais e melhor investimento público.

Investimentos que têm de ser bem pensados, é certo, mas que sobretudo têm de avançar. O país não pode continuar refém de avanços e recuos sobre traçados de estradas, avanços e recuos sobre investimentos ferroviários, sobre melhores ou piores localizações de aeroportos, ou mais ou menos prioritários investimentos nos nossos portos. Precisamos de estudar, de analisar, mas a determinada altura temos também de tomar decisões e avançar.

É certo que temos e continuaremos sempre a ter restrições orçamentais. Que não podemos fazer todos os investimentos de que o país precisa. Mas isso não nos pode paralisar.

Há desde logo alguns pressupostos que todos parecemos aceitar: que precisamos melhorar a qualidade de vida das nossas famílias, promover o transporte público e com ele facilitar a mobilidade, proteger o ambiente e acelerar a transição energética. Este é aliás um dos pilares que este Governo colocou no topo das suas prioridades. É um debate que se está a fazer pelo mundo inteiro e que Portugal acompanha de forma empenhada e determinada.

Não temos todos de ter a mesma visão sobre os investimentos estruturantes, mas podemos e devemos obter compromissos. Caso contrário, é o país que pára.

E numa coisa teremos de concordar: estamos a avançar.

Estamos a avançar nos investimentos rodoviários. Não estamos a construir novas autoestradas, porque todos assumimos que o país está bem servido delas, mas estamos a fazer investimentos mais pequenos que ajudam a suprimir lacunas que foram ficando no nosso território e que tantos constrangimentos colocam ainda hoje às populações.

Estamos a avançar nos investimentos ferroviários. Nunca, como agora, se falou tanto em ferrovia e em comboios.

O programa Ferrovia 2020 tem tido os seus atrasos (qual é o programa desta dimensão e com esta complexidade que não os tem?), mas mais importante que esses atrasos é o enorme atraso que tínhamos na modernização de inúmeras linhas neste país.

O Ferrovia 2020 pressupõe a intervenção em mais de 1000 km de linhas e cerca de 2 mil milhões de euros de investimento até 2023.

Os objetivos do programa passam por aumentar a competitividade do transporte ferroviário através da redução de tempos de percurso, da redução dos custos de transporte e do aumento da capacidade. Mas também passa por melhorar as nossas ligações internacionais, potenciar o uso da ferrovia nos percursos de e para os portos nacionais e criar condições para interoperabilidade ferroviária europeia. Exemplos concretos disto mesmo são a ligação do C I Norte entre Aveiro-V Formoso-Salamanca ou do CI Sul a ligar Sines Évora Elvas Badajoz ou ainda a linha do Minho, cozendo estas duas regiões que hoje aqui se encontram, e que até final desta ano deverá ficar completamente eletrificada até Valença.

É para atingir estes objetivos que se decidiu eletrificar quase 500 km de linha, preparar a rede par os para combóis de mercadorias de maior dimensão, na maior parte dos casos de 750m, e melhorar a segurança, com a instalação de sinalização eletrónica em mais de 400 km.

Neste momento o Ferrovia 2020 é o nosso programa com maior destaque. É uma aposta grande que o país está a fazer e que acredito que vai revolucionar a mobilidade no futuro.

Mas para esta aposta em infraestruturas ferroviárias fazer sentido é preciso avançar, com a revolução que estamos a fazer na CP. Uma empresa que durante décadas foi mal tratada e esquecida. Com este Governo dotamos a CP pela primeira vez na sua história de um contrato de serviço publico, que lhe garante previsibilidade e estabilidade na gestão.

Fundimos a EMEF com a CP e voltamos a apostar na manutenção e na recuperação de material circulante encostado. Reabrimos a oficina de Guifões há poucos dias e sentimos nesse dia o quão importante essa tão singela decisão provocou nos ânimos daqueles trabalhadores, que voltam a ver o seu trabalho e a sua experiência reconhecida por todos.

Estamos a avançar na compra de material circulante novo. Os 22 comboios, cujo concurso internacional foi lançado há cerca de um ano e que tem já uma proposta de vencedor, acreditando nós que, se os prazos forem cumpridos, teremos comboios novos em Portugal em 2023.

Minhas senhoras e meus senhores

Estamos também a avançar com a discussão do que queremos para o próximo ciclo de investimentos: o Plano Nacional de Investimentos 2030.

O transporte ferroviário continuará a ser a nossa prioridade. E os objetivos são claros: reduzir significativamente os tempos de viagem ao longo da faixa atlântica, mudando a forma como as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto se relacionam entre si. Construir e requalificar ligações ferroviárias em zonas de menor densidade populacional. E apostar numa mobilidade urbana onde o comboio seja estruturante da rede.

Mas não queremos deixar de potenciar uma das componentes estratégicas mais importantes do nosso território: sermos uma porta de entrada para a Europa e uma porta de saída para o Atlântico.

É por isso que precisamos de continuar a melhorar as ligações de Portugal à economia europeia, prolongando, aliás, o esforço que já estamos a fazer hoje.

E é aqui que a sinergia entre o transporte ferroviário e o transporte marítimo, entre o caminho de ferro e as infraestruturas portuárias é fundamental. A nossa aposta passará também por potenciar esta sinergia, fazendo investimentos relevantes nos nossos portos, muitos deles já em curso.

Apesar de não tutelar diretamente esta área, não posso deixar de vos dar uma pequena nota sobre o grande investimento que tem marcado a nossa atualidade nos últimos dias: o aeroporto do Montijo. Como é do vosso conhecimento, a APA emitiu finalmente, esta semana, a Declaração de Impacto Ambiental que faltava para que pudéssemos avançar com o aeroporto.

Não me vou alagar neste assunto, mas importa realçar que mais uma vez, também aqui, este Governo avançou. Não ficou à espera que se encontrasse uma localização ótima, porque sabemos que ela nunca existirá. Todos os investimentos desta envergadura provocam grandes impactos nas zonas onde se inserem.

Com a Declaração de Impacto Ambiental dada pela APA, cabe agora à ANA avançar com as obras e estou certo de que ainda este ano teremos obras no Montijo e que daqui a poucos anos teremos finalmente um novo aeroporto a servir Lisboa e a aumentar a nossa capacidade de mobilidade por via aérea.

Numa linguagem que nos é comum, a empreitada que temos pela frente é complexa e cheia de desafios. Mas o investimento público é mesmo assim. E estou certo de que, pelo menos agora, já ninguém vai querer pará-lo e que daqui a uma década teremos o país muito melhor dotado de infraestruturas a todos os níveis, e não apenas ferroviárias, teremos um país mais próximo entre os seus diferentes territórios, com uma mobilidade mais eficiente, mais limpa e mais segura, um país economicamente mais competitivo.

Caras amigas e amigos

Vim aqui falar convosco das infraestruturas que temos, do caminho que estamos a percorrer e de para onde queremos ir. Falei de modos de transporte, de planos e de investimentos.

Mas seria imperdoável terminar esta minha breve intervenção sem falar do mais importante. De vós, de nós, da engenharia Civil, da nossa engenharia Civil.

Se podemos aspirar a fazer tudo o aquilo a que me referi hoje, é porque temos bons planeadores, bons projetistas bons construtores, ou seja, belíssimos engenheiros.

É certo que passamos tempos difíceis, não há muito tempo.

Mas parece-me que é tempo de virar a página. É tempo de deixar de falar das dificuldades passadas, e de acreditar que os tempos são hoje bem melhores. Temos hoje um mercado, público e privado de construção, bem mais vivo, que volta a gerar oportunidades e que anima a nossa economia.

A engenharia Portuguesa, assim como a espanhola, faz do melhor que se faz no mundo, seja nas estruturas ou na geotecnia, na hidráulica ou nas vias, nas construções ou no planeamento, seja nas estradas ou ferrovia, portos ou aeroportos.

E se assim é, é porque temos uma enorme qualidade na formação ministrada pelas nossas escolas de engenharia e porque temos uma empenhada regulação da profissão, por parte de uma ordem profissional, que hoje aqui nos recebe, de que me orgulho de fazer parte... com as quotas em dia.

Caras amigas e amigos,

Como vos disse há pouco, a empreitada que temos pela frente é complexa e cheia de desafios. Mas o investimento público é mesmo assim. ´

A confiança na nossa engenharia torna o caminho bem mais fácil!

Bem hajam, obrigado

Muito obrigada.